

 **DOCES E SALGADOS**

Aumento da renda do brasileiro dificulta o "voto por prato de comida" nas eleições

Surgimento da "nova classe C" durante o governo Lula lança novos desafios aos candidatos, e pode fazer emergir um eleitorado mais conservador

29/7/2010 - 09:09 - [Redação](#)

Com a saída de 9,5 milhões de pessoas da indigência e de 18,4 milhões da pobreza entre 2004 e 2008, segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), os candidatos brasileiros se deparam este ano com um novo perfil eleitoral no país. Na avaliação de especialistas ouvidos pela Agência Brasil, esses eleitores terão preocupações diferentes na hora de votar.

Para o cientista político David Fleischer, da Universidade de Brasília, quem antes trocava o voto por um prato de comida nas eleições, poderá agora demonstrar preocupações menos imediatistas. "Essas pessoas que tiveram uma ascensão social estarão mais preocupadas em preservar algum patrimônio. Elas provavelmente mudaram o lugar de moradia, seus filhos agora estudam, e elas estarão preocupadas com essas coisas", diz.

Na opinião de Fleischer, esses eleitores podem se tornar mais maduros no que se refere a questões como educação e saúde. Outro reflexo que pode ser sentido, segundo ele, é o de um maior conservadorismo ao analisar as propostas dos candidatos. "Esse ex-pobre tende a estar mais preocupado com questões como segurança pública e invasões de terra, e menos preocupado com os outros que continuam pobres", avalia o cientista político.

O economista e pesquisador Marcelo Nery, do Centro de Estudos Sociais da FGV), concorda que a chamada "nova classe C" irá imprimir mudanças no perfil dos eleitores no pleito de outubro. Segundo ele, os cidadãos que se enquadram nessa categoria já somam aproximadamente 50% da população e poderiam decidir sozinhos as eleições se votassem num único candidato.

"É uma classe poderosa, mas não é homogênea", ressalva o economista. Nery concorda que esses eleitores devem "cobrar mais caro" por seus votos agora e tendem a ser menos vulneráveis à manipulação eleitoral. "Quando as pessoas saem da condição de miserabilidade, mudam o horizonte delas", afirma.

Esses resultados, de acordo com o economista, não são fruto apenas do aumento direto da renda – segundo o IBGE, a renda média do trabalhador brasileiro subiu de R\$ 1.694, em 2001, para R\$ 1.808 em 2007. O crescimento constante da escolaridade – que começou há mais tempo, segundo ele – tem influência mais significativa na consciência eleitoral.

"O brasileiro fez o seu dever de casa e pôs o filho na escola. Se você olhar e ver que coisas mais estruturantes como a educação estão crescendo junto com a renda, isso permite vislumbrar no futuro um nível maior de consciência e, no presente, um número menor de oportunismo", analisa.

Marcelo Nery diz ainda que o processo de amadurecimento é natural quando se atinge um período longo de democracia, como está acontecendo agora com o Brasil. "Como democracia é uma coisa que se pratica, vamos começar a ver o resultado disso".

*Com Agência Brasil*